

O 'imigrante' que invadiu a Lagoa e causa preocupação

Espécie de mexilhão pode matar animais nativos e entupir canos

Guilherme Ramalho
guilherme.ramalho@infoglobo.com.br

Quem caminha ou pedala pela Lagoa Rodrigo de Freitas pode não reparar, mas um pequeno animal tem sido alvo de pesquisas de biólogos e de muitas queixas de pescadores locais, preocupados com o próprio sustento e com a vida de um dos principais cartões-postais do Rio. Um mexilhão invasor está tomando conta de todo tipo de superfície, como rochas, boias e estacas, principalmente nas bordas do espelho d'água. Como a Lagoa será palco de provas de remo e canoagem durante os Jogos Olímpicos, em agosto, especialistas temem a possibilidade de a espécie chegar a outras regiões do planeta, já que a competição trará embarcações de atletas do mundo inteiro. A situação é ainda mais preocupante porque, até o momento, não há no local qualquer controle sobre o bicho, que pode eliminar animais nativos, entupir tubulações e corroer estruturas.

As espécies invasoras são consideradas por estudiosos a segunda maior ameaça à biodiversidade do mundo, atrás apenas da destruição de habitats. Ninguém sabe dizer ao certo como nem quando o mexilhão foi parar na Lagoa, mas há dois anos quatro biólogos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) publicaram um artigo na "Marine biodiversity records", da Associação de Biólogos Marinhos do Reino Unido, dizendo que o bicho seria da espécie *Mytilopsis leucophaea*, oriunda da costa atlântica dos Estados Unidos e do México. A identificação foi feita por meio de comparações com o que já havia sido registrado na literatura científica. Se comprovada por exames moleculares, será o segundo registro do animal no Brasil: em julho de 2004, ele foi encontrado em Recife.

Como os "imigrantes" não têm predadores naturais e se

multiplicam rapidamente, podem ameaçar as espécies nativas, reduzindo a biodiversidade da Lagoa. Esses mexilhões não são usados para consumo nem afetam a saúde humana.

Segundo os pesquisadores da Uerj, o animal é bem semelhante ao mexilhão-zebra (*Dreissena polymorpha*). Só que o *Dreissena* é encontrado em água doce, enquanto o *Mytilopsis*, em água salobra. Nos Estados Unidos, o mexilhão-zebra chegou a infestar 40% das vias navegáveis, exigindo gastos de quase US\$ 1 bilhão, entre 1989 e 2000, com medidas de controle. Também já invadiu boa parte da Europa. No Brasil não há registro dele, segundo o Ministério de Meio Ambiente.

"UM PROBLEMA MUITO GRANDE"

Por aqui, o que mais preocupa é o mexilhão-dourado (*Limnoperna fortunei*). Desde 2004, uma rede de pesquisadores faz seu monitoramento, buscando inclusive formas de erradicá-lo. Como na maioria dos casos de invasores no meio aquático, chegou à América do Sul grudadado nos cascos de embarcações da Ásia. Entrou pelo porto de Buenos Aires, na Argentina, e foi subindo até chegar ao Pantanal, causando sérios prejuízos a empresas de energia e abastecimento por obstruir redes e tubulações.

Para o biólogo Igor Miyahira, um dos autores do estudo da Uerj, a Lagoa não corre o risco de sofrer grandes estragos, como em outras regiões infestadas pelo mexilhão-dourado:

— Por sorte, não há uma indústria ou hidrelétrica na Lagoa. Se tivesse, o prejuízo seria maior. O mexilhão-dourado chama mais atenção porque causa diversos problemas, principalmente econômicos. Milhões se perdem com uma hidrelétrica parada por causa desse molusco. Nesse caso, o poder público se movimenta mais para tomar alguma providência — comentou Miyahira, que começou este ano uma



Pesquisa. O biólogo Bruno Meurer coleta amostras do mexilhão: espécie suporta grande variação de temperatura e pode reduzir quantidade de peixes

pesquisa na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), com prazo de dois anos, para entender melhor a dinâmica populacional da espécie na Lagoa.

O biólogo afirmou que os órgãos públicos deveriam fazer um acompanhamento e controlar a proliferação do animal, principalmente com a chegada das Olimpíadas:

— Uma preocupação é a proliferação dessa espécie em outros pontos do Brasil e do mundo. É uma possibilidade que existe e não seria bom para ninguém. Depois que uma espécie invasora chega, é difícil eliminá-la. É um problema muito grande. Em Recife, o mexilhão

Mais sobre o molusco

ESPÉCIE: *Mytilopsis leucophaea*.

TAMANHO: Até dois centímetros.

LUGAR DE ORIGEM: Costa atlântica dos Estados Unidos e do México.

INVASÃO: O primeiro registro foi na Bélgica, em 1835. No Brasil, foi encontrado pela primeira vez em Recife, em julho de 2004.

IMPACTO: Pode alterar a cadeia alimentar do ecossistema e disputar espaço com espécies nativas, além de entupir tubulações e corroer instalações.

chegou por água de lastro. Na Lagoa, é pouco provável que isso tenha acontecido. Pode ter chegado em um barco contaminado, mas não temos certeza.

Uma das hipóteses levantadas é de que o animal possa ter vindo com a árvore de Natal da Lagoa, construída no Rio Grande do Sul. No entanto, a empresa responsável pela estrutura, a Backstage, garantiu que a árvore fica armazenada em terra, sendo montada somente nas águas da Lagoa.

"ESTÃO PREJUDICANDO A PESCA"

Presidente da colônia de pescadores Z-13, Pedro Marins já sente os impactos causados pelas espécies. Segundo ele, a proliferação do mexilhão chama a atenção há três anos.

— Esses mexilhões estão prejudicando nossa pesca, principalmente de robalo e tainha. Eles criam uma espécie de manta em cima das pedras do fundo do mar, onde os peixes se alimentam — afirmou o pescador.

Por outro lado, ele também notou que, após a proliferação da espécie, a água da Lagoa ficou mais clara.

— A Lagoa sempre teve uma água turva e esverdeada. Agora, está mais cristalina. Mas isso não quer dizer que esteja mais limpa — destacou.

Especialista em espécies invasoras, o biólogo português Ronaldo Sousa, da Universidade do Minho, afirmou que a mudança de coloração pode acon-

tecer porque os mexilhões também funcionam como filtros:

— Eles são capazes de retirar partículas da água, tornando os sistemas invadidos mais transparentes. Realmente aumentam a claridade.

O professor Bruno Meurer, coordenador do Departamento de Biologia da Universidade Santa Úrsula, iniciou no ano passado uma pesquisa para identificar em que locais a espécie que infesta a Lagoa é mais encontrada. Na última quarta-feira, ele coletou algumas amostras para analisá-las em laboratório.

— O mexilhão encontrou condições muito boas para se desenvolver. É um competidor agressivo. No futuro, poderemos ter uma redução do número de algumas espécies de peixes — alertou Meurer.

Questionada sobre o invasor, a Secretaria municipal de Meio Ambiente informou que concentra suas atividades no monitoramento da qualidade da água da Lagoa e disse que não houve qualquer alteração expressiva nas análises. Já a Secretaria estadual do Ambiente destacou que o mexilhão não consta da Lista Oficial de Espécies Invasoras do Estado, que passa por apreciação no Conselho estadual de Meio Ambiente. Segundo a pasta, a partir da aprovação dessa relação, será implantado o Programa Estadual de Gestão de Espécies Exóticas Invasoras, que vai estabelecer diretrizes para o controle dos "imigrantes". ●

OUTROS INVASORES

CARAMUJO AFRICANO. O animal chegou ao Brasil na década de 1980 como alternativa ao valorizado escargot.

A experiência gastronômica, no entanto, foi um fracasso comercial. A espécie costuma aparecer em quintais e terrenos, podendo transmitir meningite e inflamação intestinal.

CORAL-SOL. Apontada como uma das maiores ameaças aos ecossistemas costeiros do Brasil, a invasão do coral-sol, que começou pela Baía da Ilha Grande, já tomou o litoral Sul Fluminense, dizimando espécies nativas.

MEXILHÃO-DOURADO. Chegou pelo Rio Grande do Sul e se tornou uma verdadeira praga em nossos rios.

Mais recentemente, o molusco chegou ao Pantanal, aproximando-se da Bacia Amazônica, um dos ambientes de maior biodiversidade do planeta.

SEM DATA PARA VOLTAR

Duas rodas na estrada

Carioca vai hoje para a África, onde começará viagem pelo mundo sobre uma bicicleta de bambu

Natália Boere
natalia.boere@oglobo.com.br

Carioca da Penha, Ricardo Martins já morou em Cancún, nas Bahamas, nas Ilhas Cayman e em Nova York. Mas o que ele gosta mesmo é de estrada, e sobre duas rodas. Após passar cerca de quatro anos dando uma volta de bicicleta pela América do Sul (de 2007 a 2011), rodando países como Argentina, Chile, Bolívia e Peru, o ciclista de 31 anos parte hoje para uma volta ao mundo.

— A felicidade para mim é estar onde quero, com quem quero, fazendo o que quero. Sou meio megalomaniaco, gosto dos desafios difíceis, que me obrigam a treinar mais, me planejar mais. Esse caminho de construção é viciante — diz Ricardo, que fechou parceria com a Coppe/UFRJ e fará pesquisa nas cidades para identificar problemas e soluções em relação à mobilidade.

A organização para a viagem começou em janeiro,

quando ele lançou uma campanha de financiamento coletivo na internet e arrecadou R\$ 15.700. A primeira parada será na Cidade do Cabo, na África do Sul, onde deve ficar uns dez dias. Após explorar o continente africano, o ciclista parte para o Sudeste da Ásia, sem roteiro fixo. Ele diz que já deixou as contas pagas, pediu demissão do emprego e avisou à mãe que não tem data para voltar:

— Eu gosto das diferenças culturais e da ideia do desconhecido. Por mais que a Europa me surpreenda muito, acho difícil encontrar por lá tanta coisa que eu nunca tenha visto na vida, como sei que acharei na África e na Ásia.

Ricardo gosta mesmo do que é diferente. Tanto que sua fiel escudeira nessa nova viagem será uma bicicleta de bambu, a



Maratona. Ricardo Martins na Zona Sul do Rio: viagem começa na África

Dulcinea, que ele encomendou sob medida a um artesão de Porto Alegre.

— O bambu estimula a admiração, sem provocar cobiça. É muito mais seguro, porque, quando alguém rouba uma bicicleta, geralmente é para vender, tem que despersonalizar. E essa é difícil — diz.

HOSPEDAGEM EM QUINTAIS

Outra decisão do ciclista é não se hospedar em hotéis:

— Prefiro acampar em quintais de residências. Mas peço de uma forma não muito invasiva. Pergunto se elas conhecem algum lugar que dê para acampar, para que não se sintam coagidas a dizer que sim. Tem que ser por vontade própria. Bate um instinto materno, todo mundo quer colaborar de alguma forma. E esses

são os melhores momentos para conhecer a vida local.

Durante as viagens, Ricardo conta que cumpre um ritual diário, que inclui café reforçado, pois não faz parada para almoçar. Só deixa de pedalar para ir ao banheiro, lanchar e se alongar.

— Quando acordo, desarmo a barraca, faço meu café da manhã, cozinho, como bastante, faço alongamento, passo protetor solar, repelente, talco no pé e regulo a marcha e o freio da bicicleta, para não correr riscos — diz Ricardo, que pretende pedalar cem quilômetros por dia, por nove horas.

Ele conta ainda que o relacionamento com a bike ficou sério em 2006, quando passou a usá-la como meio de transporte. Mas a parceria começou em 1991, aos 6 anos, época em que aprendeu a pedalar com primos de Curitiba. O gosto por aventura? Está no sangue!

— Sou filho de caminhoneiro com atleta de corrida. Nasceu alguém que viaja fazendo esporte. ●